

FÉ SEM FUZIL:
religião vivida e espiritualidade de Desmond Doss em *Até o Último Homem*

FAITH WITHOUT A RIFLE:
lived religion and Desmond Doss's spirituality in Hacksaw Ridge

FE SIN FUSIL:
religión vivida y espiritualidad de Desmond Doss en Hasta el Último Hombre

Ademar Antunes do Amaral*

Faculdades EST

Programa de Pós-Graduação em Teologia

São Leopoldo, RS, Brasil

E-mail: amaral.logos@gmail.com

ORCID: [0009-0007-3549-3465](https://orcid.org/0009-0007-3549-3465)

RESUMO

O filme *Até o Último Homem* (*Hacksaw Ridge*, 2016), dirigido por Mel Gibson, representa Desmond T. Doss como um adventista do sétimo dia que serve como socorrista na Segunda Guerra Mundial e se recusa a portar armas. O artigo pergunta como essa narrativa constrói sua espiritualidade como religião vivida e quais ambivalências surgem quando a não violência é incorporada ao imaginário heroico militar. O objetivo consiste em interpretar práticas corporais, temporais, morais e institucionais atribuídas ao personagem e examinar a mediação cinematográfica que as organiza. Adota-se uma abordagem qualitativa, bibliográfica, documental e hermenêutica. Quatro unidades narrativas são analisadas: formação moral; objeção de consciência; cuidado dos feridos em Okinawa; e reconhecimento público. A análise demonstra que a fé é representada como prática situada: orienta a leitura bíblica, a guarda do sábado, a negociação com a disciplina militar, a oração e o cuidado corporal. Contudo, ao converter o socorrista desarmado em herói de guerra, o filme amplia a visibilidade de uma orientação ética à preservação da vida e, simultaneamente, limita sua crítica à lógica bélica. Conclui-se que a contribuição teológico-prática do filme reside nessa tensão, e não em sua leitura apenas celebratória.

Palavras-chave: teologia; teologia prática; religião vivida; objeção de consciência; não violência.

ABSTRACT

Mel Gibson's film *Hacksaw Ridge* (2016) portrays Desmond T. Doss as a Seventh-day Adventist who serves as a medic during the Second World War while refusing to carry weapons. This article asks how the narrative constructs his spirituality as lived religion and what ambiguities emerge when nonviolence is incorporated into the imagery of military heroism. Its objective is to interpret the bodily, temporal, moral, and institutional practices attributed to the character and to examine the cinematic mediation that organizes them. The study adopts a qualitative, bibliographic,

* Mestre em Teologia pela Faculdades EST. Especialista em História da Igreja pelo Centro Universitário Católica de Santa Catarina. Graduação em História e em Ciências da Religião pelo Centro Universitário Cidade Verde, e em Teologia pela Faculdade Adventista do Paraná. Doutorado em andamento em Teologia pela Faculdades EST.

documentary, and hermeneutical approach. Four narrative units are analyzed: moral formation; conscientious objection; care for the wounded in Okinawa; and public recognition. The analysis shows that faith is represented as a situated practice: it guides biblical interpretation, Sabbath observance, negotiation with military discipline, prayer, and bodily care. However, by turning the unarmed medic into a war hero, the film broadens the visibility of an ethical orientation toward preserving life while simultaneously limiting its critique of the logic of war. The article concludes that the film's practical-theological contribution lies in this tension rather than in a merely celebratory interpretation.

Keywords: Theology; Practical Theology; Lived Religion; conscientious objection; nonviolence.

RESUMEN

La película Hasta el último hombre (Hacksaw Ridge, 2016), dirigida por Mel Gibson, representa a Desmond T. Doss como adventista del séptimo día que sirve como sanitario durante la Segunda Guerra Mundial y se niega a portar armas. El artículo pregunta cómo la narrativa construye su espiritualidad como religión vivida y qué ambivalencias surgen cuando la no violencia se incorpora al imaginario heroico militar. El objetivo consiste en interpretar las prácticas atribuidas al personaje y examinar su mediación cinematográfica. Se adopta un enfoque cualitativo, bibliográfico, documental y hermenéutico. Se analizan cuatro unidades narrativas: formación moral; objeción de conciencia; cuidado de los heridos en Okinawa; y reconocimiento público. El análisis demuestra que la fe se representa como práctica situada: orienta la interpretación bíblica, la observancia del sábado, la negociación con la disciplina militar, la oración y el cuidado corporal. Sin embargo, al convertir al sanitario desarmado en héroe de guerra, la película amplía la visibilidad de una orientación ética hacia la preservación de la vida y limita su crítica a la lógica bélica. Se concluye que la contribución teológico-práctica reside en esta tensión, no en una lectura meramente celebratoria.

Palabras clave: teología; teología práctica; religión vivida; objeción de conciencia; no violencia.

1 INTRODUÇÃO

A trajetória de Desmond T. Doss adquiriu ampla visibilidade pública por meio de *Até o Último Homem* (*Hacksaw Ridge*, 2016), dirigido por Mel Gibson. A narrativa representa um adventista do sétimo dia norte-americano que ingressa no exército durante a Segunda Guerra Mundial, aceita servir como socorrista e se recusa a portar armas ou a matar. A combinação entre farda, risco corporal e recusa do armamento constitui o núcleo dramático do filme. Também estabelece um problema teológico-prático: a fé não aparece apenas como crença interior, mas como princípio que reorganiza práticas, relações e decisões no interior de uma instituição estruturada para o combate. O conflito ocorre sob condições extremas de combate bélico, sobretudo quando a recusa de matar precisa coexistir com o socorro a feridos sob risco de vida.

Estudos anteriores examinaram dimensões relevantes dessa narrativa. Nisa, Muhid e Heriyanto (2022) analisaram a determinação bíblica atribuída a Doss; Lima e Santos (2024) relacionaram sua trajetória à realização de valores em situações-limite; Matias (2018) tratou da liberdade e da objeção de consciência; Silva, Silveira e Follis (2017) investigaram a relação

entre identidade religiosa e mídia; e Rindge (2023) explicitou a tensão entre pacifismo protestante e estética da guerra. Em conjunto, essas contribuições esclarecem os fundamentos religiosos, jurídicos, existenciais e cinematográficos do caso. Permanece menos desenvolvida, contudo, a relação entre duas operações simultâneas do filme: tornar a não violência visível como prática cotidiana de cuidado e reinscrevê-la na gramática do herói militar.

Essa relação afeta o modo como a consciência religiosa se torna publicamente reconhecível. Se a recusa de matar somente é legitimada depois de demonstrar utilidade extraordinária, a proteção da diferença permanece condicionada ao desempenho. O filme permite examinar a potência pública da fé vivida e os limites da forma narrativa que a consagra.

Essa lacuna orienta a seguinte pergunta: como *Até o Último Homem* constrói a espiritualidade de Desmond Doss como religião vivida e que ambivalências surgem quando sua não violência é incorporada ao imaginário heroico militar? O objetivo consiste em analisar como a narrativa converte convicções religiosas em práticas corporais, temporais, morais e institucionais e, em seguida, examinar as consequências de sua heroização. Sustenta-se que o filme representa a fé de Doss como religião vivida ao vinculá-la à leitura bíblica, à oração, à guarda do sábado, à negociação da consciência e ao cuidado dos feridos. Contudo, ao integrar essas práticas ao heroísmo militar, a obra amplia a visibilidade de uma orientação ética à preservação da vida e, simultaneamente, limita a crítica à lógica bélica que tornou tais práticas necessárias.

O objeto exige a distinção entre três níveis. O primeiro corresponde ao Doss histórico, acessível por documentos institucionais e testemunhais. O segundo é o personagem cinematográfico, construído por roteiro, imagem, montagem, som e atuação. O terceiro reúne as apropriações posteriores de sua figura por instituições militares, religiosas e midiáticas. O filme constitui o corpus principal; os documentos não são empregados para converter a dramatização em registro factual, mas para identificar aproximações, deslocamentos e formas de memória.

A análise adota abordagem qualitativa, bibliográfica, documental e hermenêutica. A categoria de religião vivida, em diálogo com a Teologia Prática, constitui o eixo teórico principal. As reflexões sobre sentido, não violência, cinema e objeção de consciência cumprem funções auxiliares e são mobilizadas conforme as exigências do corpus. Depois da fundamentação, explicita-se o percurso metodológico e examinam-se quatro unidades narrativas: formação moral; conflito com a instituição militar; cuidado corporal no front; e

reconhecimento público. A discussão relaciona os resultados e as considerações finais respondem ao problema, delimitam a contribuição e indicam desdobramentos.

2 RELIGIÃO VIVIDA, TEOLOGIA PRÁTICA E MEDIAÇÃO FÍLMICA

2.1 Religião vivida e espiritualidade cotidiana

A noção de religião vivida decorre do reconhecimento de que doutrinas, documentos oficiais e estruturas institucionais não esgotam a experiência religiosa. Em vez de perguntar somente o que uma tradição ensina, essa perspectiva examina o que pessoas concretas fazem com aquilo em que creem: como interpretam textos sagrados, organizam o tempo, mobilizam o corpo, constroem vínculos e respondem a conflitos (Ammerman, 2007; Adam, 2019). A unidade de observação desloca-se, portanto, da formulação normativa isolada para a relação entre crença, prática e contexto.

Esse deslocamento não opõe automaticamente religião oficial e religião popular. Orsi (2012) destaca que a experiência religiosa acontece em corpos, espaços, relações e narrativas nos quais símbolos instituídos são recebidos, negociados e transformados. Schielke e Debevec (2012) descrevem movimento semelhante ao relacionar grandes esquemas de sentido e vidas ordinárias. A religião vivida não constitui uma esfera separada da instituição; designa o processo pelo qual tradições, memórias e normas adquirem forma em situações concretas, inclusive quando produzem ambivalência ou conflito.

No campo da Teologia Prática, essa categoria amplia o objeto da reflexão teológica. A fé é discernida não apenas em afirmações doutrinárias, mas em práticas mediante as quais pessoas e comunidades interpretam a própria existência (Adam, 2019). A análise teológico-prática não se limita a descrever comportamentos. Ela pergunta quais compreensões de Deus, do ser humano e da responsabilidade se tornam operantes nessas práticas e quais consequências produzem. Por essa razão, o cotidiano não é um cenário secundário da teologia, mas um lugar no qual convicções recebem configuração histórica.

Essa ampliação exige também um critério crítico. Nem toda prática religiosa deve ser confirmada apenas porque é vivida com sinceridade. A Teologia Prática precisa relacionar descrição e discernimento: identifica como a fé se torna operante, confronta seus efeitos com os compromissos teológicos mobilizados e examina as relações de poder que condicionam sua expressão. No caso de Doss, isso significa reconhecer a força da preservação da vida sem ignorar que essa prática ocorre dentro de uma estrutura de guerra e é posteriormente

apropriada por ela.

Neste artigo, “religião vivida” designa a categoria analítica; “espiritualidade cotidiana” identifica a forma empírica pela qual a narrativa atribui unidade religiosa às ações do personagem. A primeira orienta a leitura; a segunda nomeia o conjunto de práticas representadas: leitura bíblica, oração, guarda do sábado, recusa do armamento, negociação com superiores e cuidado dos feridos. A distinção impede que espiritualidade seja reduzida a interioridade. Também permite examinar como o filme transforma ações dispersas em um modo coerente de viver a fé. Essas dimensões são atributos da construção do personagem ficcional; sua relação é observada na passagem da convicção declarada às decisões e aos gestos mostrados pelo filme.

Aplicada a *Até o Último Homem*, essa perspectiva exige cautela. Não se observa diretamente a experiência religiosa de Doss nem a recepção do público. Interpreta-se uma representação cinematográfica que seleciona eventos, organiza causalidades e atribui significado a gestos. A religião vivida do personagem é, assim, inseparável da mediação fílmica que a torna visível.

2.2 Consciência, não violência e sentido em contexto-limite

A recusa de Doss não é representada como rejeição genérica ao serviço público. O personagem aceita a disciplina, o uniforme e o risco, mas considera incompatível com sua fé o emprego de uma arma para matar. A objeção de consciência deve ser entendida, nesse contexto, como recusa específica fundada em convicção moral e religiosa, e não como ausência de compromisso com os demais soldados (Matias, 2018). O conflito decorre do encontro entre duas exigências: a uniformidade operacional da instituição e a obrigação subjetiva de não violar a consciência.

A tradição cristã oferece respostas divergentes ao problema da guerra. Yoder (1994; 2009) recupera a centralidade do discipulado e da não violência; Hauerwas (1983) compreende a comunidade cristã como testemunho de uma forma pacífica de vida; e Cahill (1994) dialoga criticamente com o pacifismo e a tradição da guerra justa. Essas posições não são equivalentes, mas convergem ao recusar que a violência estatal seja aceita sem discernimento teológico. No protestantismo sabatista, a preferência histórica por funções médicas e não combatentes expressou uma tentativa de compatibilizar serviço, consciência e não participação direta no ato de matar (Wilcox, 1936; Lawson, 1996; Hasel, Magyarosi, Höschele, 2019).

Na infância, o gesto violento contra o irmão precede o olhar do menino para a inscrição “Não matarás”; a sucessão das imagens vincula o episódio familiar à decisão que reaparece na vida adulta (*Até o Último Homem*, 2016). O filme não desenvolve sistematicamente esse debate. Ele o condensa na prática do personagem. A proibição bíblica de matar, as memórias familiares de violência e o desejo de salvar vidas são organizados como fundamentos convergentes de uma mesma decisão (Nisa, Muhid, Heriyanto, 2022). A consciência não aparece como faculdade abstrata, mas como interpretação biográfica da Escritura. Dessa forma, a narrativa liga texto sagrado, experiência de culpa e compromisso futuro.

2.3 Cinema, mediação narrativa e heroização

O cinema não funciona neste estudo como ilustração neutra de um conteúdo previamente estabelecido. Filmes selecionam eventos, constroem causalidades, distribuem identificação moral e organizam afetos. Por isso, podem ser tratados como objetos de interpretação teológico-prática, nos quais imagens de fé, sofrimento, redenção e responsabilidade são produzidas e negociadas (Johnston, 2006; Mitchell, Plate, 2007).

Johnston (2006) compreende o cinema como interlocutor da teologia porque suas narrativas suscitam questões últimas e desafiam tradições a reinterpretar seus próprios pressupostos. Lyden (2019), em perspectiva distinta, observa que filmes podem oferecer mitos, rituais e códigos morais capazes de organizar a experiência dos públicos. Essas abordagens convergem em um ponto metodológico: o sentido religioso de uma obra não depende apenas de referências explícitas a Deus ou à Bíblia, mas da forma como a narrativa estrutura o bem, o mal, o sacrifício e a esperança.

Em *Até o Último Homem*, a mediação combina motivos cristãos e convenções do filme de guerra. Oração, Escritura, sábado e cuidado convivem com treinamento, camaradagem, violência gráfica e sacrifício patriótico. Rindge (2023) identifica nessa combinação a tensão central da obra: o pacifismo do protagonista é exaltado por uma narrativa que utiliza intensamente o espetáculo da violência. Assim, o filme pode questionar o uso de armas por meio de Doss e, ao mesmo tempo, preservar a guerra como espaço privilegiado de coragem e consagração.

“Heroização” designa aqui a operação narrativa que seleciona provações, ordena superações e converte um personagem em referência moral pública. O termo não implica negar os atos históricos atribuídos a Doss. Indica que o reconhecimento desses atos é

construído por dispositivos narrativos e apropriado por diferentes instituições. A heroização amplia a inteligibilidade de sua não violência, porque oferece ao público uma figura concreta. Contudo, pode absorver a recusa de matar na gramática militar da honra, do sacrifício e da vitória.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa adota abordagem qualitativa, bibliográfica, documental e hermenêutica. O corpus principal é *Até o Último Homem* (2016), considerado uma construção audiovisual da espiritualidade de Desmond Doss. Como fontes auxiliares, utilizam-se a citação oficial da Medalha de Honra (U.S. Army, 2025), um texto institucional do Exército norte-americano (Lange, 2017) e a biografia escrita por Frances M. Doss (2016). Esses documentos não conferem neutralidade ao estudo: possuem finalidades memoriais e institucionais próprias. Sua função consiste em distinguir afirmações do filme, registros sobre a pessoa histórica e apropriações posteriores. A obra é tratada como narrativa ficcional de inspiração histórica, não como registro direto da experiência de Doss. Conforme conferência do autor, as sequências analisadas correspondem à versão disponível no Prime Video; a cópia utilizada no visionamento tem 02h10min48s porque seus créditos finais foram suprimidos. O catálogo informa áudio e legendas em português brasileiro e duração de 2h13min (*Até o Último Homem*, 2016).

Foram selecionadas quatro unidades narrativas por constituírem momentos de virada nos quais uma prática religiosa se torna visível e produz consequência corporal ou institucional: formação moral; objeção de consciência; cuidado dos feridos em Okinawa; e reconhecimento público. Em cada unidade, o procedimento realiza três movimentos cumulativos. Primeiro, descreve o recurso narrativo relevante. Depois, interpreta a prática por meio das categorias de religião vivida, consciência, corpo e cuidado. Por fim, confronta a representação com documentos auxiliares apenas quando a distinção histórica é necessária. As minutagens indicadas são aproximadas e situam as cenas na cópia visionada; a supressão dos créditos finais não altera essas sequências.

A descrição considera o conteúdo verbal e a função produzida pela sequência, pelo contraste e pela repetição. A aproximação entre violência e mandamento, a oposição entre arma e material médico e a passagem da rejeição ao reconhecimento organizam a inteligibilidade do personagem. Em cada unidade, descrevem-se ações, enquadramentos, gestos, falas, música e sons do ambiente antes de interpretá-los. As relações entre esses

elementos permitem examinar escolhas narrativas e pontos de atenção visual e sonora, sem presumir intenções do diretor ou efeitos uniformes no público.

As categorias operacionais são: prática e ritual; corpo e cuidado; consciência e negociação institucional; mediação narrativa e heroização. A hermenêutica ocorre, portanto, em dois níveis relacionados: interpreta-se o filme como narrativa e interpretam-se as práticas religiosas que ele atribui ao personagem. O estudo não realiza pesquisa empírica com espectadores e não infere efeitos reais de recepção. Quando se discutem consequências, trata-se de possibilidades interpretativas sustentadas pela estrutura da obra e por estudos sobre suas apropriações.

4 FÉ SEM FUZIL: PRÁTICAS E NEGOCIAÇÕES DA ESPIRITUALIDADE

4.1 Formação moral, Escritura e práticas cotidianas

As cenas iniciais apresentam a formação de Doss em um ambiente familiar atravessado por fé e violência. O pai é representado como veterano traumatizado pela Primeira Guerra Mundial, marcado pelo alcoolismo e por episódios agressivos; a mãe aparece vinculada à prática religiosa e à preservação da vida. O contraste não funciona apenas como informação biográfica. Ele estabelece o horizonte no qual o personagem associa guerra, descontrole e sofrimento, ao mesmo tempo que encontra na linguagem bíblica um critério para interpretar essas experiências.

O episódio em que o menino fere o irmão com um tijolo cumpre função decisiva. A montagem aproxima a culpa produzida pela agressão e a contemplação de uma imagem dos mandamentos bíblicos. O filme constrói, assim, uma causalidade moral: a experiência de quase causar a morte é reinterpretada pela proibição religiosa de matar (Bíblia, 2004) e se converte em compromisso. Nisa, Muhid e Heriyanto (2022) reconhecem nessa sequência um fundamento bíblico da determinação posterior. A cena não documenta de forma transparente a consciência do Doss histórico; ela organiza cinematograficamente uma origem para a recusa do personagem. Aproximadamente aos 00:05:05, os irmãos brigam, o pai incentiva um movimento de defesa e a mãe pede que parem; por volta de 00:05:40, ocorre a agressão com o tijolo. Diante do quadro de Caim e Abel e do mandamento “Não matarás” (cerca de 00:06:41), o menino permanece olhando, sob música; a fala paterna ao fundo não é plenamente inteligível. A mãe qualifica o assassinato como o pior dos crimes por volta de 00:07:43. A justaposição de corpo ferido, quadro, olhar e som dá forma

audiovisual à interpretação religiosa do episódio (*Até o Último Homem*, 2016).

Na vida adulta, a Bíblia, a oração, a comunidade religiosa e o sábado reaparecem como práticas ordinárias. Sua função é conferir continuidade entre casa, igreja, relacionamento afetivo e serviço militar. A espiritualidade não começa no campo de batalha. Ela é representada como hábito anterior à crise, capaz de orientar o personagem quando o contexto se altera. Essa continuidade corresponde à religião vivida: símbolos e normas não permanecem separados do cotidiano, mas estruturam o uso do tempo, a percepção do corpo e a responsabilidade diante do próximo (Ammerman, 2007; Adam, 2019).

O sábado possui função particularmente reveladora. Ao interromper a homogeneidade do tempo militar, sua observância mostra que o personagem reconhece uma autoridade e um ritmo não produzidos pelo quartel. O conflito não decorre apenas de uma crença interior, mas de uma prática temporal visível, que requer negociação e pode ser interpretada como indisciplina. A religião vivida manifesta-se, assim, na disputa sobre quem organiza o tempo e em quais condições uma instituição admite ritmos diferentes dos seus.

A biografia de Frances Doss (2016) e os documentos institucionais registram a importância da fé, da prática devocional e do serviço médico na memória da pessoa histórica. O filme, entretanto, seleciona esses elementos e os encadeia em uma trajetória moral progressiva. A distinção importa porque impede a passagem direta da cena à afirmação factual. O que a análise demonstra é que a narrativa transforma memórias religiosas em preparação para uma decisão institucional: alistar-se sem aceitar o armamento.

4.2 Objeção de consciência, disciplina e negociação institucional

O alistamento introduz uma aparente contradição. Doss decide participar da guerra, mas se recusa a aprender a matar. A narrativa resolve parcialmente essa tensão ao apresentar seu propósito como serviço médico. Ele aceita a disciplina, o treinamento físico, a hierarquia e o perigo; rejeita o emprego da arma. A “fé sem fuzil” não significa retirada do mundo, mas tentativa de ocupar uma função alternativa dentro dele. Por volta de 00:36:00, a distribuição de armas deixa um fuzil sem destinatário; o superior percebe Doss desarmado e o interpela em tom de deboche. Doss diz que não pode tocar na arma. Diante de outro superior, afirma que aceita o uniforme e a bandeira, mas não porta armas nem tira vidas, declara-se adventista do sétimo dia e apresenta o sábado como dia sagrado. A firmeza da resposta, o corpo sem fuzil e a ausência de música no diálogo tornam a objeção perceptível

na situação militar (Até o Último Homem, 2016).

Para a instituição militar, contudo, a recusa ameaça a uniformidade do grupo. Colegas e superiores a interpretam como covardia, desobediência ou privilégio religioso. Humilhações, agressões e ameaça de julgamento obrigam o personagem a formular publicamente uma convicção construída em linguagem bíblica e biográfica. A religião vivida torna-se negociação institucional: aquilo que possuía sentido no âmbito pessoal precisa ser expresso em categorias jurídicas e militares.

Matias (2018) interpreta o filme como espaço narrativo para discutir liberdade religiosa e objeção de consciência. O caso evidencia que a proteção da consciência não depende de o Estado adotar a crença do indivíduo. Depende de reconhecer que uma obrigação geral pode produzir violação grave quando aplicada sem acomodação. No plano do filme, a solução é funcional: Doss pode servir como socorrista não combatente. Essa solução corresponde a uma tradição sabatista de preferência por atividades médicas e não armadas (Wilcox, 1936; Lawson, 1996; Hasel, Magyarosi, Höschele, 2019).

O caso não autoriza uma conclusão ampla sobre a laicidade estatal. Ele permite uma inferência mais delimitada: uma instituição pública pode acomodar determinada prática religiosa sem assumir seu conteúdo confessional. Essa acomodação não suprime a regra comum, mas reconhece uma forma alternativa de cumpri-la. No filme, a solução preserva o objetivo institucional de serviço e, ao mesmo tempo, impede que ele seja identificado necessariamente com o ato de matar.

A narrativa também revela o limite do arranjo. A acomodação não elimina a pressão para que o personagem prove sua lealdade. A recusa somente se torna plenamente inteligível aos demais depois que Doss demonstra coragem extraordinária. Desse modo, o direito à consciência é dramaticamente associado ao mérito do objetor. A estrutura cria uma pergunta crítica: a convicção seria reconhecida se não culminasse em heroísmo?

4.3 Corpo ferido, oração e cuidado no front

A sequência de Okinawa constitui o centro dramático da obra. A câmera enfatiza amputações, queimaduras, sangue, lama e desorientação. A violência gráfica não apenas contextualiza o combate; ela produz o contraste visual que singulariza o socorrista desarmado. Enquanto outros personagens manejam armas, Doss se desloca entre corpos feridos e realiza procedimentos de urgência.

O cuidado inclui improvisar bandagens, aplicar torniquetes, carregar soldados,

descer feridos do platô e permanecer no local depois da retirada. No filme, Doss pede ajuda para salvar mais uma pessoa durante os resgates (*Até o Último Homem*, 2016); a biografia de Frances Doss (2016) também associa a oração à sua atuação. Retomada por estudos posteriores como síntese memorial de sua atuação (Puddy et al., 2019), essa formulação articula prática devocional e tarefa médica, sem separar interioridade e ação. Por volta de 01:51:10, o pedido retorna a cada retirada de um ferido pela corda. A música acompanha o esforço, enquanto persistem tiros, explosões e gemidos: a oração recebe destaque, mas o risco não desaparece. A repetição articula voz, exposição corporal e cuidado, sem reduzir o salvamento ao conteúdo verbal da súplica (*Até o Último Homem*, 2016).

A citação da Medalha de Honra descreve atos atribuídos ao Doss histórico: permanência sob fogo inimigo, retirada individual de feridos, atendimento próximo a posições adversárias, renúncia à própria maca em favor de outro soldado e improvisação de uma tala durante sua retirada (U.S. Army, 2025). O filme reorganiza esses registros em uma sequência de intensidade crescente. O documento sustenta a memória dos resgates; a obra cinematográfica atribui-lhes ritmo, imagens, afetos e uma interpretação providencial.

A repetição da oração e dos salvamentos possui função cumulativa. Cada pedido para salvar mais um conduz a novo retorno ao campo e amplia a distância entre a lógica de autopreservação e a responsabilidade assumida pelo personagem. Desse modo, a narrativa aproxima a perseverança atribuída a Doss do horizonte sugerido pelo título da obra: resgatar cada sobrevivente possível, até o último homem. Ao mesmo tempo, a montagem transforma ações individuais em série mensurável e prepara a admiração do público. O cuidado é, portanto, mostrado como hábito moral e como desempenho extraordinário. Essa dupla função antecipa a ambivalência posterior: a prática que resiste ao ato de matar também se torna o fundamento de uma consagração heroica.

Nessa unidade, a religião vivida é corporal em sentido preciso. A fé orienta o modo como o personagem usa o próprio corpo em favor de outros corpos. Não basta afirmar que a vida é sagrada; é necessário correr, erguer, arrastar, suportar fadiga e permanecer exposto. Frankl (2008) ajuda a compreender essa ação como realização de valores em uma situação que o personagem não controla. Contudo, o elemento teológico-prático não reside somente em conferir sentido ao sofrimento. Reside em transformar convicção religiosa em responsabilidade concreta por vidas ameaçadas.

A forma do cuidado também tensiona a identidade do inimigo. O valor da vida, quando aplicado de modo coerente, não depende apenas do pertencimento ao próprio grupo. Mesmo quando o filme concentra sua identificação nos soldados norte-americanos,

a presença do socorrista desarmado introduz um critério distinto da eliminação do adversário: diante do corpo ferido, a primeira resposta é preservar. Essa orientação aproxima o personagem das tradições cristãs de não violência discutidas por Yoder (1994; 2009) e Hauerwas (1983), embora a obra não desenvolva todas as consequências políticas dessas tradições.

4.4 Reconhecimento, heroização e ambivalências da representação

O reconhecimento público encerra o arco narrativo. A instituição que inicialmente rejeita Doss passa a tratá-lo como referência moral e militar. O texto institucional do Exército registra a mudança de avaliação de superiores e companheiros, enquanto a Medalha de Honra incorpora sua atuação à memória oficial de bravura (Lange, 2017; U.S. Army, 2025). A pessoa histórica é lembrada como soldado que serviu sem matar; o personagem cinematográfico transforma essa lembrança em resolução dramática. Aproximadamente aos 01:54:30, a atribuição dos salvamentos a “Doss, o covarde” revê o julgamento anterior. Por volta de 02:01:48, o capitão pede perdão e reconhece que os soldados desejam sua presença na nova subida, mesmo sendo sábado. Em seguida, a tropa espera Doss concluir a oração: ouvem-se rádio, passos e sons de guerra, sem música durante a prece. Quando ele termina, a subida começa com entrada musical de caráter triunfante. Essa sucessão associa o reconhecimento da prática religiosa à mobilização para o combate (Até o Último Homem, 2016).

A heroização, entretanto, cobra um preço interpretativo. Rindge (2023) mostra que o pacifismo de Doss é narrado por meio de convenções que valorizam honra, sacrifício, resistência e vitória. A não violência torna-se aceitável porque produz um herói militar exemplar. A obra critica a exigência de portar armas, mas não questiona com igual intensidade a estrutura que converte corpos em alvos e exige o sacrifício extraordinário do socorrista. No epílogo, a passagem da encenação às fotografias e aos depoimentos, acompanhados de música de tonalidade emotiva, aproxima o personagem da memória histórica sem tornar ambos idênticos (Até o Último Homem, 2016).

As apropriações religiosas acrescentam outra camada. Silva, Silveira e Follis (2017) mostram que a figura de Doss participa da construção midiática da identidade adventista. Essa apropriação pode fortalecer a memória de uma consciência religiosa não armada e oferecer um modelo de fidelidade. Pode também reduzir contradições históricas e transformar uma experiência complexa em narrativa triunfalista. A figura pública circula,

portanto, entre projetos militares e religiosos que selecionam aspectos distintos de sua trajetória.

5 DISCUSSÃO

As quatro unidades permitem relacionar prática religiosa, mediação cultural e reconhecimento institucional. Na formação moral, a narrativa converte memória, Escritura e hábito em uma consciência coerente. No treinamento, essa consciência precisa ser traduzida e negociada diante da disciplina militar. Em Okinawa, a convicção adquire forma corporal de cuidado. No reconhecimento final, a prática é incorporada à memória heroica. O percurso confirma que a espiritualidade não é um conteúdo interior acrescentado à ação; ela se constitui na relação entre interpretação, corpo, tempo, instituição e narrativa. As relações entre o olhar e o mandamento, a recusa e a ausência de música, a oração e os sons de guerra, e a espera pela prece e a música da subida sustentam essa leitura também na forma audiovisual.

A mediação fílmica impede que o resultado seja transformado em paradigma universal. *Até o Último Homem* seleciona uma trajetória excepcional, organiza o sofrimento em direção ao reconhecimento e associa a legitimidade da consciência ao salvamento extraordinário de soldados. A obra amplia a imaginação moral ao representar serviço militar sem armamento e coragem orientada à preservação da vida. Contudo, pode sugerir que a objeção merece proteção sobretudo quando produz utilidade heroica. Objetores anônimos, fracassados ou incapazes de comprovar benefício equivalente permanecem fora desse enquadramento.

Essa tensão produz uma consequência para a Teologia Prática. O discernimento da fé vivida deve considerar tanto a potência ética das práticas quanto os sistemas narrativos e institucionais que as apropriam. No caso analisado, o cuidado não violento resiste parcialmente à lógica bélica, mas também é utilizado para renovar o imaginário moral do exército. A análise teológica não precisa escolher entre afirmar a coragem de Doss e criticar sua heroização. Precisa mostrar como ambas as dimensões coexistem e quais limites impõem uma à outra.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até o Último Homem constrói a espiritualidade de Desmond Doss como religião

vivida ao representar convicções que se convertem em práticas corporais, temporais, morais e institucionais. A Escritura interpreta experiências de violência; a oração e o sábado organizam o cotidiano; a consciência negocia limites com a disciplina militar; e o corpo se orienta ao cuidado dos feridos. A fé sem fuzil não é apresentada como simples recusa, mas como modo alternativo de servir.

A análise também demonstrou a ambivalência dessa construção. Ao transformar o socorrista desarmado em herói de guerra, o filme torna visível uma coragem que preserva vidas e amplia a imaginação ética da não violência. Entretanto, subordina parte da força crítica dessa alternativa à gramática militar da honra, do sacrifício e da utilidade. O personagem é reconhecido porque sua diferença produz desempenho extraordinário, o que limita a passagem do caso individual para uma defesa incondicional da liberdade de consciência. A espera coletiva pela oração e os testemunhos do epílogo, contudo, impedem reduzir todo reconhecimento da consciência à utilidade do socorrista; a tensão entre acolhimento religioso e heroização permanece aberta.

A contribuição teológico-prática do estudo reside em demonstrar que a espiritualidade deve ser discernida nas práticas e em suas mediações culturais. Não basta identificar símbolos religiosos; é necessário examinar o que eles fazem, quais responsabilidades sustentam e como são apropriados por instituições. O estudo limita-se à narrativa fílmica e a documentos auxiliares, sem investigar empiricamente a recepção.

REFERÊNCIAS

ADAM, Júlio César. Religião vivida e teologia prática: possibilidades de relacionamento no contexto brasileiro. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 51, n. 2, p. 311-328, 2019. DOI: <https://doi.org/10.20911/21768757v51n2p311/2019>.

AMMERMAN, Nancy T. **Everyday religion: observing modern religious lives**. New York: Oxford University Press, 2007.

ATÉ O ÚLTIMO HOMEM (Hacksaw Ridge). Direção: Mel Gibson. [S. l.]: [s. n.], 2016. 1 filme (139 min). Disponível em: <https://www.primevideo.com/-/pt/detail/oFCDog7OYPDAKF9Zo27ZDRD3T4>. Acesso em: 27 set. 2026.

BÍBLIA. Português. Tradução Ecumênica da Bíblia. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

CAHILL, Lisa Sowle. **Love your enemies: discipleship, pacifism, and just war theory**. Minneapolis: Fortress Press, 1994.

DOSS, Frances M. **Soldado desarmado: o herói que resgatou até o último homem**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2016.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Petrópolis: Vozes, 2008.

HASEL, Frank M.; MAGYAROSI, Barna; HÖSCHELE, Stefan (org.). **Adventists and military service**: biblical, historical, and ethical perspectives. Madrid: Safeliz, 2019.

HAUERWAS, Stanley. **The peaceable kingdom**: a primer in Christian ethics. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1983.

JOHNSTON, Robert K. **Reel spirituality**: theology and film in dialogue. 2. ed. Grand Rapids: Baker Academic, 2006.

LANGE, Katie. Pfc. Desmond Doss: the unlikely hero behind Hacksaw Ridge. **U.S. Army**, 28 fev. 2017. Disponível em: <https://www.army.mil/article/183328>. Acesso em: 7 dez. 2025.

LAWSON, Ronald. Onward Christian soldiers? Seventh-Day Adventists and the issue of military service. **Review of Religious Research**, [s. l.], v. 37, n. 3, p. 193-218, 1996. DOI: <https://doi.org/10.2307/3512274>.

LIMA, Linderlândio Vasconcelos; SANTOS, Gilvan de Melo. “Até o último homem”: a força desafiadora dos valores. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, São José dos Pinhais, v. 17, n. 7, p. 1-18, 2024. DOI: <https://doi.org/10.55905/revconv.17n.7-092>.

LYDEN, John C. **Film as religion**: myths, morals, and rituals. 2. ed. New York: New York University Press, 2019.

MATIAS, Flávia Hagen. Hacksaw Ridge: liberdade e objeção de consciência. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE DIREITO E LITERATURA, 6., 2017, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: Rede Brasileira Direito e Literatura, 2018. p. 636-654.

MITCHELL, Jolyon; PLATE, S. Brent (org.). **The religion and film reader**. New York; London: Routledge, 2007.

NISA, Hana Theresya; MUHID, Ahmad; HERIYANTO, Eko. Desmond Doss’ biblical determination to defend his faith in the Hacksaw Ridge movie. **Philosophica: Jurnal Bahasa, Sastra, dan Budaya**, Ungaran, v. 5, n. 2, p. 58-71, 2022. DOI: <https://doi.org/10.35473/po.v5i2.1530>.

ORSI, Robert A. Afterword: everyday religion and the contemporary world: the un-modern, or what was supposed to have disappeared but did not. In: SCHIELKE, Samuli; DEBEVEC, Liza (org.). **Ordinary lives and grand schemes**: an anthropology of everyday religion. New York; Oxford: Berghahn Books, 2012. p. 146-161.

PUDDY, William C. *et al.* Revisiting Desmond Doss (1919-2006): merging combat medicine and benevolence on the battlefield. **Journal of Emergency Medicine**, [s. l.], v. 56, n. 1, p. 114-119, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jemermed.2018.10.004>.

RINDGE, Matthew S. Protestant pacifist: war and pacifism in Mel Gibson’s Hacksaw Ridge. In: ESPINOSA, Gastón; REDLING, Erik; STEVENS, Jason (org.). **Protestants on screen**: religion, politics and aesthetics in European and American movies. Oxford:

Oxford University Press, 2023. p. 306-318.

SCHIELKE, Samuli; DEBEVEC, Liza (org.). **Ordinary lives and grand schemes: an anthropology of everyday religion**. New York; Oxford: Berghahn Books, 2012.

SILVA, Gladys Angélica Araújo da; SILVEIRA, Luma Carolina de Carvalho; FOLLIS, Rodrigo. Identidade, religião e mídia: o adventismo brasileiro em “Até o Último Homem”. **Relegens Thréskeia**, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 11-26, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5380/rt.v6i2.54780>.

U.S. ARMY. The United States Army Medal of Honor: Desmond T. Doss. 30 set. 2025. Disponível em: <https://www.army.mil/medalofhonor/citations20.html>. Acesso em: 7 dez. 2025.

WILCOX, Francis McLellan. **Seventh-day Adventists in time of war**. Washington: Review and Herald, 1936.

YODER, John Howard. **Christian attitudes to war, peace, and revolution**. Grand Rapids: Brazos Press, 2009.

YODER, John Howard. **The politics of Jesus: Vicit Agnus Noster**. 2. ed. Grand Rapids: Eerdmans, 1994.

Apoio: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Declaração de uso de Inteligência Artificial: O autor utilizou o sistema GPT-6 Astra (OpenAI) para fins de revisão ortográfica e linguística. Todo o conteúdo foi revisado e aprovado pelo autor, que assume plena responsabilidade pelo conteúdo final do manuscrito.

Conflito de interesses: O autor declara não haver.

Recebido em: 29-07-2026

Aprovado em: 06-10-2026

Publicado em: 07-10-2026

Editor de seção: Leandro Evangelista Silva Castro